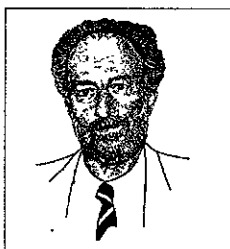


WASHINGTON NOVAES

A era da solidariedade

O aniversário do desastre nuclear de Chernobyl leva o mundo a mergulhar mais uma vez num pesadelo ambiental. Por essa e muitas outras razões, a cada dia mais a legislação supranacional emerge nesse campo, seja no âmbito de comunidades de países (como a Comunidade Européia), seja



Problemas ambientais começam a pôr em xeque até a noção de soberania

em organizações internacionais (do comércio, por exemplo), seja na forma de convenções internacionais (de proteção à camada de ozônio, mudanças climáticas, preservação da biodiversidade, desertificação, proteção de áreas úmidas, etc.).

Faz lembrar o começo destes novos tempos. Os idos de 1988, por exemplo.

Na Chapada dos Guimarães (MT), ambientalistas de muitas partes do País discutiam os rumos a seguir, diante dos múltiplos desafios que se colocavam a cada dia. A certa altura, uma jovem bióloga, Carolina João, começou a explicar um trabalho acadêmico. Queria estudar a biodiversidade da Chapada e para isso tomara como ponto de partida três espécies semelhantes de uma mesma variedade frutífera. E já descobrira que cada uma delas era polinizada por um agente específico e se reproduzia por um caminho diverso do das outras, por meio das fezes espalhadas por pássaros também diversos que delas se alimentavam. As abelhas polinizadoras, da mesma forma, eram de espécies diversas e se alimentavam cada uma por um caminho.

Ao final de quase dois

anos de trabalho, a bióloga já tinha mais de dez outras espécies envolvidas com as três iniciais e precisava estudar cada uma delas – o que certamente multiplicaria o número de espécies incluídas no estudo. Já sabia que, se um dia chegasse ao final de seu trabalho, veria toda a biodiversidade da Chapada dos

Guimarães relacionada com as três espécies iniciais. Depois, precisaria estudar as relações do subsistema da Chapada com outros subsistemas circundantes; depois, a relação com outros biomas brasileiros; depois...

Tudo na natureza é planetário, está relacionado com tudo, concluía-se, na mesma linha das descobertas que transformaram aquela década – como a de que o aerossol utilizado na China pode afetar a camada de ozônio no Pólo Norte e a vida das pessoas em todo o planeta; ou a de que a chuva ácida gerada pelas indústrias do norte dos Estados Unidos pode afetar rios e lagos do Canadá, levada pelos ventos; ou a de que a poluição do mar na costa sul-americana pode comprometer a vida no Sudeste Asiático, pois as correntes marítimas emergem e submergem, somem e reaparecem – e assim a poluição sul-americana pode comprometer a vida a milhares de quilômetros.

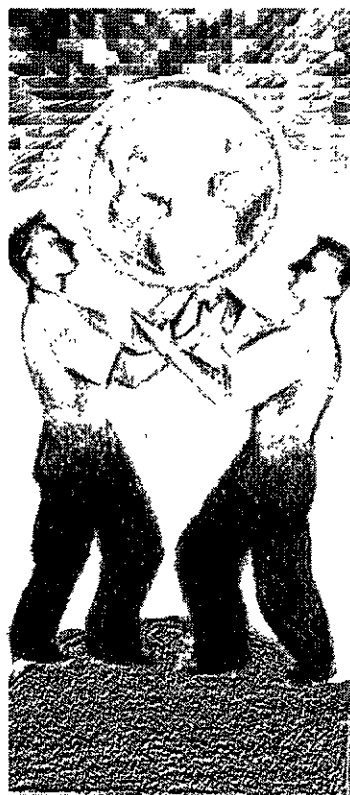
A conferência Rio 92, com as convenções sobre mudanças climáticas e diversidade biológica, avançou ainda mais essa compreensão do caráter planetário de tudo – que já se amplia, com a progressiva aceitação da

tese de um geofísico norte-americano de que a água existente no nosso planeta vem do espaço exterior, trazida por microcometas que todos os dias se condensam na atmosfera terrestre e caem sob a forma de uma “suave chuva cósmica”.

Estamos condenados, agora em nível interplanetário, cósmico – como já descobrira Jean-Paul Sartre num campo de prisioneiros –, a ser solidários; a solidariedade é um fato, antes de poder ser um imperativo ético. E é planetária, cósmica.

É nesse vasto contexto que se coloca a questão de os problemas do meio ambiente não se deterem diante de fronteiras administrativas ou geopolíticas. Eles acontecem, simplesmente, enquanto em nossa vã filosofia continuamos a nos comportar e tomar posição diante deles como se as fronteiras existissem.

A gravidade progressiva



com que esses problemas começam a apresentar-se na hora da globalização também passa a pôr em xeque a própria noção de soberania. E até a permitir a algumas nações utilizar-se impropriamente dos novos conceitos para ameaçar a soberania indiscutível de outras.

Mas, com ou sem oportunismo, o desafio está posto. E precisamos estar preparados para a discussão, talvez a mais difícil e delicada destes tempos modernos – já presente no âmbito de várias convenções internacionais.

De pouco nos adiantará, por exemplo, nos exaltarmos com advertências sobre a preservação da Amazônia se não formos competentes para conceber e executar um modelo que permita ali a conservação da diversidade biológica, ao lado da resolução das graves questões sociais. De nada nos servirá esbravejar, porque outras áreas do mundo estendem um olho coviloso sobre o potencial hídrico brasileiro se não formos capazes de protegê-lo e usá-lo racionalmente.

Meio ambiente – é preciso repetir sempre – tem de ir para o centro da pauta política. Se não pensarmos assim, alguém pensará por nós...

Mas só seremos capazes, de fato de nos antecipar e atender a nossos interesses, se conseguirmos tomar como ponto de partida o que temos de específico, nosso – a condição de país tropical, que precisa formular uma matriz energética adequada, derivada desse potencial; um modelo agrícola que também atenda a nossas circunstâncias; uma conformação social que corresponda às especificidades.

O mundo está em crise de mudança, de ruptura de paradigmas. Não pode haver hora melhor.

■ Washington Novaes é jornalista